

A rua derruba o armário¹.

Arte e ativismo cultural no enfrentamento ao heterossexismo.

*Fernando Pocahy*²

Um labor de luta contra arbitrariedades e tiranias. É assim que gostaríamos de fazer uma aproximação de nosso trabalho na organização nuances – grupo pela livre expressão sexual³ com o campo do ativismo cultural: um esforço coletivo para enfrentar os imperialismos culturais e as hegemonias estéticas que determinam que vidas são possíveis e valem ser vividas e que vidas e suas culturas não importam. Nossa atuação não tem outra pretensão que aquela do combate, com humor, deboche e uma crítica ácida.

Nós acreditamos que não há novidade alguma em dizer que alguém é homo, bi ou transexual à revelia de qualquer predeterminação. Afinal, a norma em algum momento falha e os sujeitos escapam. Sua eficácia é duvidosa. Mas nós podemos dizer que somos *bichas*, *travas*, *sapatões* ou *queer* pois ao sermos interpelados na posição de abjetos nos vimos diante de uma possibilidade: sermos assujeitados e/ou de ressignificarmos nossas vidas.

E é aqui que nos situamos no trabalho de ativismo que se mistura à arte e a outras expressões e práticas minoritárias para a promoção de uma sociedade democrática e pluralista, marcada pela cultura radical da diversidade e pelos direitos humanos.

Na disputa com as normas que se impõem e se fazem funcionar por meio do que se determinou como da ordem do gênero e da sexualidade que aprendemos a nos reconhecer como sujeitos, pelo menos este foi o dividendo (ou é ainda) do projeto da modernidade. Mas aprendemos também que uma boa maneira de ampliarmos nossa liberdade é pela via da invenção de nós mesmos. Algo que parece ser possível se recusarmos a naturalidade das linhas de inteligibilidade do humano decorrentes da normalidade.

Entendemos que é através da arte que podemos enfrentar e combater as arbitrariedades que determinam as possibilidades que uns e outros podem ter para dizer, para ver, para saber, para habitar e inventar a cidade.

Arte que sobrepuja o medo. Arte que produz tensões e cria e recria as desestabilizações que a diversidade humana provoca. Tentamos, ao nosso modo, estabelecer um diálogo em nossas práticas que representem as nossas inquietações e a de nossos pares. E para isso procuramos o caminho da construção de uma intervenção ética, estética e política, que seja estridente e feita com ganas de estranhar as certezas. Este é também um diálogo na construção de políticas de respeito à diversidade humana, à multiplicidade cultural, como forma de descartar o embrutecimento das lutas políticas tradicionais. A arte é nosso esteio. Maculada por uma virada lingüística que tenta resistir às formas de dominação e domesticação.

Tentamos com nosso trabalho combater a banalização da vida humilhada pelos imperialismos morais e estéticos que fazem com que neste país e na América Latina (entre tantas e tantas outras formas de humilhação, de exploração, violências silenciosas, violências estridentes) mingúe-se a nossa criatividade, a nossa potência em fazer da vida uma obra de arte (FOUCAULT, 1984). Este é o nosso jeito de fazer política, de ocupar a cidade e de garantir o direito de sermos humanos e não de sermos humanizados.

Ao falarmos dos modos como os dispositivos da sexualidade e do gênero têm servido como forma de nos localizar e esquadrihar, especialmente, com uma linguagem insurgida da injúria e da desqualificação, nós queremos apontar para a cegueira institucionalizada diante das diversas formas de exclusão e das violências que produzem marcas nos corpos e feridas nas subjetividades. Denunciamos as vidas negligenciadas pela moralidade (hetero)normativa na saúde pública, na educação, na segurança e na cultura. Falamos alto contra a cegueira que joga à clandestinidade àquelas e a aqueles que buscam fazer de seu corpo um corpo mais belo e prazeroso, exuberante, feito para si e para os outros (falamos aqui, por exemplos, das travestis e transexuais que querem ser vistas, contempladas... Afinal, o que mais pode querer um artista com sua obra?). Denunciamos a covardia que acaba criando as prisões ao céu aberto e sitiando - gente que só pode existir à noite.

Efeito do heterossexismo, enfrentar a homofobia é nosso penhor. Mas com irreverência, ludicidade e inventividade. Assim, valemo-nos da linguagem que nos desqualifica para combater a própria covardia que se embala nas expressões da injúria que hierarquiza vidas. E isso nos parece, concordando com Judith Butler (2005), que é desde as zonas e posições de abjeção que temos também a possibilidade de uma (re)forma e novos contornos do sujeito e da sociedade, por meio de uma invenção estética - para o corpo e para a cidade.

A sexualidade corresponde a uma experiência que foi historicamente regulada por práticas e saberes que fizeram com que as pessoas acabassem por se reconhecer por meio dela e, neste sentido, cada vez mais fomos incitados, convocados a falar sobre “nosso sexo” (FOUCAULT, 1977). Mas não no sentido de algo que reconhecesse a nossa capacidade de criação e de prazer. Ela foi desde a modernidade algo que funcionou no sentido de nos marcar, de nos destinar, inventariar e de nos definir – como tipos dóceis e úteis.

E se a vida (em sociedade) é uma construção inacabável, acreditamos que compreender as possibilidades e a diversidade de viver a sexualidade seria menos atormentador se pudéssemos pensá-la na riqueza de suas manifestações; como possibilidade de perseguirmos uma vida mais criativa e menos individualista. Assim talvez possamos recusar mais prontamente o lugar comum, o facilmente apreensível, o previsível, o “desejável”, o controlável e o que nos congela e paralisa frente ao terror dos fascismos.

Acreditamos que a experiência de trabalho que lança mão da arte minoritária, da arte sem “compromisso”, da arte popular, da arte vulgar, permite questionar e intervir ao mesmo tempo sobre as formas de compreensão da sexualidade e dos modos de vida, construindo outras maneiras de dar legitimidade a elas.

Ocupar as ruas e contar histórias negligenciadas, silenciadas, são expressões emblemáticas de atuação pública e de intervenção cultural. É através das artes plásticas, da literatura, do cinema-documental, do teatro, da *performance* entre tantas outras possibilidades de criação que procuramos uma experimentação política para a transformação social no compromisso com a vida, não no sentido de sua administração.

“Sair do armário” pode ser bem o gesto pelo qual nos livramos de certo estado de não liberdade, mas isto não nos permite escapar à empresa do poder para se instalar em um lugar exterior a ele. É apenas e de outra forma a maneira pela qual se define um novo estado de relações de poder e se transformam a dinâmica das lutas pessoais e políticas (HALPERIN, 2000). Sair do armário, romper com a hegemonia do corpo e do prazer heterossexualizados e asfixiado pelas coleiras da normalidade (ERIBON, 1999) é, pois, um ato de liberdade, não no sentido de uma liberação, mas de uma sorte de resistência e de uma certa virada de jogo.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'*. Buenos Aires, Paidós, 2005.

ERIBON, Didier. *Réflexions sur la question gay*. Paris: Fayard, 1999.

FOUCAULT, Michel. (1984). *Le souci de la vérité*. In : *Michel Foucault. Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris : Gallimard. (p.1487 - 1497).

_____. (1977). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro : Graal, 1988 – 12ª edição.

HALPERIN, David. *Saint Foucault*. Paris: EPEL, 2000.

¹ Título da exposição organizada pelo nuances com fotos de Adriana Franciosi, retratos de participantes durante a Parada Livre de 2002/2003. Decido este texto a meus companheiros no nuances, (re)inventores de estranhamentos: Adriano Pinto, Célio Golin, Glademir Lorensi, Luis Gustavo Weiller e Perseu Pereira.

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e integrante da coordenação política e de projetos do nuances – grupo pela livre expressão sexual.

³ O grupo nuances foi fundado em 1991 em Porto Alegre, região sul do Brasil. A organização tem atuado no campo da promoção da cultura da diversidade sexual e dos direitos humanos através de projetos e ações em parcerias com outras organizações sociais e com o Estado; além de propor um amplo debate e contribuir decisivamente diante das transformações no contexto das leis anti-discriminatórias por orientação sexual.